

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

KAREN YUKIE UEMURA

**EMPRÉSTIMOS LEXICAIS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NOS ESTUDOS DE
COLÔNIA-GO**

BRASÍLIA- DF
2017

KAREN YUKIE UEMURA

**EMPRÉSTIMOS LEXICAIS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NOS ESTUDOS DE
COLÔNIA-GO**

Monografia para conclusão da disciplina Trabalho de Conclusão do Curso, apresentado à banca examinadora da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de licenciatura em Língua e Literatura Japonesa, sob a orientação do Professor Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka

BRASÍLIA

2017

KAREN YUKIE UEMURA

**EMPRÉSTIMOS LEXICAIS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NOS ESTUDOS DE
COLÔNIA-GO**

Banca examinadora

Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka

Orientador: Prof. Dr. – Universidade de Brasília (UnB)

Alice Tamie Joko

Examinador: Profa. Dra. – Universidade de Brasília (UnB)

Camila Regina Pimentel

Examinador: Profa. – Universidade de Brasília (UnB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família por me darem apoio, forças, coragem, por ter paciência comigo nos dias em que estava frustrada fazendo este trabalho de conclusão de curso. Sou muito grata a tudo que eles fizeram e continuam fazendo por mim.

À minha amiga Raiany Alves de Souza, por ser minha amiga desde 2013, me ajudando em varias ocasiões tanto acadêmicos como pessoais. Posso dizer que ela é minha melhor amiga. Obrigada Ray!

Ao meu orientador Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka por me ajudar e não fazer eu desistir o TCC e me dando apoio emocional.

RESUMO: A presente pesquisa visa analisar alguns trabalhos referentes ao empréstimo lexical no Colônia-go. Nesta monografia se propõe uma discussão relacionando-se com os estudos da sociolinguística e uma análise linguística. Esta pesquisa é descritiva, de abordagem qualitativa, a fim de propor uma reflexão em relação à variação da língua nas comunidades japonesas no Brasil. O trabalho é uma revisão bibliográfica, com o intuito de recolher informações para sistematizar o que foi contemplado ou não contemplado sobre os empréstimos lexicais nas comunidades japonesas.

Palavras-chave: Sociolinguística. Empréstimo lexical. Língua japonesa.

ABSTRACT: The present research aims to analyze some works related to the lexical loan in Colony-go. In this monograph we propose a discussion relating to the studies of sociolinguistics and a linguistic analysis. This research is descriptive, with a qualitative approach, in order to propose a reflection on the variation of the language in the Japanese communities in Brazil. The work is a bibliographical review, with the purpose of gathering information to systematize what was contemplated or not contemplated on lexical loans in Japanese communities.

Keywords: Sociolinguistics. Lexical loan. Japanese language.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 Justificativa	8
1.2 Problematização	8
1.3 Objetivos	9
1.4 Perguntas de Pesquisa	9
1.5 Contextualização da língua japonesa no Brasil	9
1.5.1 Ensino de Língua Japonesa no Brasil	9
1.5.2 Dialetos	11
1.5.3 Dialeto x Língua padrão	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 Conceito de sociolinguística	13
2.2 Empréstimos lexicais	14
3. METODOLOGIA	16
3.1 Método e Natureza da Pesquisa	16
3.2 Material Coletado	16
4. ANÁLISE	17
4.1 Tese da Takano (2013)	17
4.2 Tese de Nawa (1988)	19
4.3 Artigo de Kuyama (1999)	21
5. CONCLUSÃO	26
5.1 Limitações da pesquisa	27
5.2 Sugestões para pesquisas futuras	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está ancorada na sociolinguística, visando as influências de uma língua para outra e seus empréstimos ocasionando- se assim o contato linguístico. Objetivando se assim uma pesquisa de estudos já feitos sobre os empréstimos lexicais, com o intuito de fazer um levantamento sobre o que é o empréstimo e como ele acontece de uma língua com a outra, no caso dessa pesquisa, do português para o japonês. As pessoas sempre tentam manter diversas formas de contato e de intercâmbio com o mundo e devido a isso acaba-se tendo uma penetração de uma cultura com a outra, principalmente nos itens lexicais correspondentes.

Por causa desse contato de uma cultura com a outra e o convívio de uma comunidade com outra cultura, acaba-se ocorrendo os empréstimos lexicais. O foco dessa monográfica está nas comunidades japonesas dentro do Brasil. Há sempre uma alternância do português com o japonês na comunicação, assim como no japonês no português. Segundo Takano (2013), a alternância de mudar uma língua para a outra se dá no empréstimo lexical de uma língua para a outra.

Este trabalho de conclusão de curso apoia-se na abordagem laboviana que tem como o estudo do uso da língua no sentido de verificar o que ela revela sobre a estrutura linguística, e o trabalho tem como escolha principal os estudos já feitos sobre Colônia-go e os Empréstimos Lexicais do português-japonês, para sistematizar e fazer uma análise do que já foi contemplado e o que ainda poderá ser contemplado de acordo com esse tema.

1.1 Justificativa

Geralmente dentro das comunidades japonesas, acontece de se ouvir as línguas misturadas, como é o caso do japonês com o português. Ao refletir sobre isso, decidi fazer este trabalho monográfico, com intuito de compreender e sistematizar alguns trabalhos já feitos sobre os empréstimos lexicais e dizer sobre o que esses trabalhos contemplam (ou não) sobre os empréstimos lexicais no Colônia-go, quais as diferenças destes trabalhos, o que cada um fala sobre o tema, o que poderia ter abordado em um trabalho.

1.2 Problematização

Houve uma necessidade de listar alguns trabalhos principais referentes ao tema: Empréstimos lexicais do português-japonês no Colônia-go. Será realizada uma revisão bibliográfica com o intuito de além sistematizar esses trabalhos, analisar o que já foi (ou não) dito sobre o assunto.

1.3 Objetivos

O objetivo geral será sistematizar trabalhos que contemplem o tema do Colônia-go e seus empréstimos lexicais para análise.

Os objetivos específicos serão

- i. Investigar posições acerca do léxico, em como é apresentado o tema nos trabalhos analisados.
- ii. Analisar os trabalhos referentes ao Colônia-go.
- iii. Apresentar uma resenha das bibliografias levantadas.

1.4 Perguntas de Pesquisa

Houve uma reflexão de compreender como se dar o empréstimo lexical português-japonês. As perguntas levantadas foram:

O que é empréstimo lexical? Como ele se dá no Colônia-go? Quais foram os trabalhos já feitos sobre esse tema? O que esses trabalhos dizem a respeito de como os empréstimos lexicais acontecem no Colônia-go?

1.5 Contextualização da língua japonesa no Brasil

Será explicado a seguir o contexto do ensino da língua japonesa no Brasil como parte integrante da transmissão da língua japonesa no Brasil, a relação com outros dialetos da língua japonesa, e o chamado Colônia-go, que será trabalhado e definido abaixo.

1.5.1 Ensino de Língua Japonesa no Brasil

Ao aportar em terras tupi-guarani em 1908, os japoneses vieram para substituir a mão de obra escrava nos cafezais (MORALES, 2008, p.17). Embora grande parte dos japoneses que desembarcaram fosse alfabetizados, cerca de 89,9%, apenas um pouco mais de uma década depois, começaram a surgir as “colônias” de japoneses que em primeiro lugar,

priorizaram a educação de seus filhos através da língua e costumes japoneses, criação das escolas comunitárias japonesas (DEMARTINI, 2008, p.45). Morales (2008) divide o ensino da Língua Japonesa no Brasil em pré-guerra e pós-guerra, pois a forma como a língua é ensinada muda por influência da Segunda Guerra Mundial. No pré-guerra, a língua japonesa era estudada apenas por descendentes (nikkeis) como língua materna, ou L1 (Primeira Língua) e a língua portuguesa era a língua estrangeira deles, a Segunda Língua, ou L2. Os japoneses começaram a sentir a opressão do governo brasileiro durante a Era Vargas, que tinha a proposta nacionalista e confrontava com os ideais japoneses. Com o avanço da Segunda Guerra Mundial e o apoio do Brasil ao lado dos Aliados (oposto ao Japão, Alemanha e Itália), os imigrantes japoneses sentiram a inimizade e os conflitos com o governo brasileiro aumentarem e atrapalharem o ensino da língua:

A proibição do ensino da língua e da circulação de jornais e revistas em japonês tirou a possibilidade dos imigrantes japoneses monolíngues de obter informações, até mesmo das notícias do Brasil, já que para eles tal material em japonês era o único meio disponível para informar-se. Para trânsito fora de sua área residencial, exigia-se o salvo-conduto, sem falar de medidas francamente punitivas, como a prisão de professores e líderes comunitários, abuso de autoridades brasileiras para extorsão [...] (MORALES, 2008, p.37)

Com a queda do governo Vargas as escolas comunitárias japonesas voltaram a funcionar e a imigração de japoneses para o Brasil também continuou. O fim da Guerra também balançou o emocional dos japoneses, pois eles não acreditavam que o Japão havia perdido a guerra e por este motivo, os pais “vitoriosos” não deixavam os seus filhos brincarem ou irem a mesma escola que os filhos dos “derrotados”, daqueles pais que acreditaram que o Japão havia perdido a guerra (MORALES, 2008, p.47) Houve também o êxodo rural dos imigrantes, que buscavam estudos melhores para seus filhos em cidades maiores ou na capital; e a língua japonesa era utilizada como língua de herança entre os imigrantes e sua comunidade (MUKAI; CONCEIÇÃO 2012, p.116).

Atualmente, o ensino da língua japonesa atende vários perfis de público, tanto em instituições públicas quanto privadas, a exemplo de centros de línguas em vários estados do Brasil e centros tecnológicos. Quanto à formação de professores de língua japonesa como LE, atualmente existem oito universidades em nível de graduação para especialização nesta área (MUKAI; CONCEIÇÃO, 2012, p.117). Recentemente, foi inaugurada uma escola pública bilíngue português-japonês no estado do Amazonas, com o intuito de educar os manauaras com a língua e os valores da cultura japonesa.

Neste trabalho há várias menções nos dialetos, por causa da aparição dos dialetos nos trabalhos analisados, houve a necessidade de definir o que é dialeto.

1.5.2 Dialetos

O dialeto segundo McCleary (2017, p. 12) é,

A palavra "dialeto" é uma palavra problemática para a lingüística. Ela é usada popularmente para caracterizar uma língua de segunda classe, uma natureza de sub-língua. Quando ouvimos que uma pessoa "fala dialeto", quer dizer que a pessoa "não sabe falar corretamente", ou que fala uma versão da língua meio desconhecida, da região rural, como de pessoas que não estudaram. Esse uso popular da palavra "dialeto" é pejorativo.

O dialeto é uma variedade da língua e da maneira de falar própria de determinado grupo de falantes da língua que se identifica por peculiaridades de pronúncia, de vocabulário e de gramática. Refere-se ao uso da língua própria de determinada região (dialeto regional ou geográfico), isso no sentido tradicional e mais restrito do termo e no sentido mais amplo e corrente em sociolingüística, o termo se aplica também ao uso da língua que identifica estratos sociais diferentes (dialetos sociais), gerações diferentes (dialetos etários) e sexo diferente (dialeto feminino e dialeto masculino). As línguas evoluem por mutação. Pequenas alterações na pronúncia, na gramática ou no léxico (mudança de sentido, novas palavras) ocorrem o tempo todo.

Segundo Doi (2017), a mistura de dialetos, o japonês falado atualmente no Brasil apresenta outro traço: a presença do português. Essa língua, usada na comunicação cotidiana no contexto nipo-brasileiro, é chamada de colônia-go ("língua da colônia"), e é comumente caracterizada pelos japoneses como "o japonês antigo misturado de língua brasileira (o português)". O uso da língua japonesa não se limita apenas ao meio de comunicação oral na comunidade nipo-brasileira.

Nawa (1988) afirma que a língua falada por japoneses de diversas procedências - vindos de diversas regiões do Japão, falantes de dialetos distintos - era diferente da língua padrão do japonês, resultante de contatos dialetais e do contato com o português.

De acordo com Nawa (1998, p.7)

Segundo Mase (1986) a "língua da colônia" - "coronia go" - falada, predominantemente, pelos nipo-brasileiros e compreensível apenas pelos membros da colônia japonesa é sui generis e difere de qualquer dialeto falados no Japão. Esta tendência mostra um processo em evolução que caminha para o surgimento de uma nova variedade que vem sendo denominada "língua nipo-brasileira".

Em uma comunidade de fala nipo-brasileira o colônia-go é notável, em uma simples conversação, principalmente com os *issei* (primeira geração de imigrante japonês), os *nisseis* (segunda geração de imigrante japonês) e os *nikkei* (imigrantes japoneses e seus descendentes), mas no caso dos *nikkei* são aqueles que convivem na comunidade de fala em japonês. Pois existem muitos *Nikkei* que não sabem falar ou entender uma conversa com um indivíduo como os *issei*, porque eles usam o colônia-go, ou seja, numa frase podem ter uma palavra em japonês e o restante em português ou vice-versa. Então, quem usa o colônia-go geralmente são bilíngues que conseguem misturar e entender sem dificuldades uma conversação do outro. E normalmente eles usam sem saber se estão de acordo com a gramática tanto do português como do japonês, falam por “instinto” ou “intuição”. Labov (2008) menciona quatro dificuldades diferentes em lidar com a fala, são elas: a agramaticalidade da fala; variação na fala e na comunidade de fala, dificuldade de ouvir e gravar e a variedade das formas sintáticas. Ele também menciona sobre problemas no estudo das intuições.

Labov (2008) menciona quatro dificuldades diferentes em lidar com a fala, são elas: a agramaticalidade da fala; variação na fala e na comunidade de fala, dificuldade de ouvir e gravar e a variedade das formas sintáticas.

1.5.3 Dialeto x Língua padrão

De acordo com o Tanaka De Lira, Marcus (2016), no Japão, as palavras da língua padrão (標準語) *hyôjungo* e língua comum (共通語) *kyôtsûgo* são frequentemente usadas sem distinção e sem causar muitas complicações, porém entre os pesquisadores essa diferença é bem feita (SUZUKI, HAYASHI, et al., 1995, p. 233).

O *hyôjungo* (língua-padrão) não é exatamente um dialeto. É a forma padrão do japonês, aquela que se houve na NHK (o canal de televisão do governo). É também a forma de falar mais ouvida fora do Japão, em filmes ou animes. Acima de tudo, é o japonês ensinado nas escolas e espera-se que possa ser entendido em qualquer lugar do país.

Segundo Takano, Yuko (2013, p:98)

As variedades regionais, muitas vezes, ultrapassam a fronteira da língua japonesa e se constituem na fala que só é compreendida pela comunidade que o detém. Na reforma Meiji, o governo escolheu, dentre muitos, um dialeto padrão que pudesse ser vinculado em todo o território nacional, como dialeto de uso em comum. Assim,

a variedade hōgen contemplada foi de Tóquio, representando a língua oficial do Japão.

Existe a necessidade de “padronizar” os dialetos porque muitas vezes mesmo uma pessoa japonesa não consegue entender outra pessoa de outra região do Japão. Então em muitos lugares as pessoas falam o dialeto padrão e o regional para que possam se comunicar localmente ou nacionalmente. O contato entre dialetos regionais e o japonês padrão inventa um novo falar regional entre os jovens, como o japonês de *Okinawa*. Também, as novas gerações costumam misturar o japonês padrão com os dialetos locais.

Segundo Takano (2013), “os estudos dialetológicos/geolinguísticos evidenciam como os fatores geográficos são determinantes importantes para a caracterização da fala dos sujeitos. Esses grupos de *hogen* (dialeto) que constitui a fala do território japonês, trouxeram consigo suas respectivas variedades.” Ainda de acordo com a linguista, demonstra-se que esses *hogen* se encontram espalhados na fala dos (i)migrantes e seus descendentes, preservando, possivelmente seu uso que identifica de certa forma a origem dos seus ancestrais linguísticos. Com a chegada dos imigrantes japoneses ao Brasil, e que esses imigrantes japoneses vieram de diversas regiões do Japão proporcionou no país uma abundância de dialetos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Conceito de sociolinguística

Segundo o Labov a sociolinguística é o ramo da linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade. O fundamento básico da Sociolinguística é que não há sociedade sem linguagem, nem sociedade sem comunicação. Labov (2008), fundador da sociolinguística variacionista, discorre que “os indivíduos e a sociedade se definem e se constroem na e pela língua(gem) mediante processo de interação verbal. Logo, língua(gem) e sociedade estão indissoluvelmente entrelaçadas, uma influenciando e determinando o comportamento da outra”. Em seu livro *Padrões sociolinguísticos* (2008), Labov apresenta as principais teorias e a metodologia de trabalho empírico com a linguagem preocupando-se em estudar a língua em uso na comunidade de fala. Esse estudo leva em consideração a língua como algo social, pertencente a todos os indivíduos de uma comunidade. Na abordagem laboviana, língua é concebida como uma estrutura viva, que se diversifica dependendo da região onde é empregada, ou seja, ela possui um caráter heterogêneo. Conforme Bagno (2007, p. 39),

(...) dizer que a língua apresenta variação significa dizer (...) que ela é heterogênea. A grande mudança introduzida pela Sociolinguística foi a concepção de língua como um ‘substantivo coletivo’: debaixo do guarda-chuva chamado ‘língua’, no singular, se abrigam diversos conjuntos de realizações possíveis dos recursos expressivos que estão à disposição dos falantes.

Segundo Labov (2007), em um entrevista para a *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, é perguntado qual é objeto de estudo da Sociolinguística e responde:

É a língua, o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é o alvo do trabalho em Variação Linguística. Existem outros ramos da Sociolinguística que estão preocupados primordialmente com questões sociais: o planejamento linguístico, a escolha pela ortografia oficial e outros que se preocupam com as consequências das ações de fala. Todas essas são importantes áreas de estudo, mas eu sempre tentei abordar as grandes questões da Linguística, como determinar a estrutura da linguagem – suas formas e organização subjacentes – e conhecer o mecanismo e as causas da mudança linguística. Os estudos da linguagem usada no dia-a-dia provaram ser bastante úteis para alcançar esses objetivos.

De acordo com Cavalcante (p.246) qualquer língua, falada/sinalizada por qualquer comunidade, exibe sempre variações. Nenhuma língua apresenta-se como entidade homogênea, todas são representadas por um conjunto de variedades. Segundo Coelho (2010, p.22) não existe uma comunidade de fala igual e a existência de variação e de estruturas misturadas nas comunidades de fala. Existe variação inerente dentro da comunidade de fala – não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação, ou seja, a variação inerente é que o falante tem competência linguística para lidar com regras variáveis.

A proposta fundamental na abordagem por Labov é a presença do componente social na análise linguística. A Sociolinguística se ocupa da relação entre língua e sociedade, e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala.

2.2 Empréstimos lexicais

Segundo Molina (2010), os empréstimos lexicais são resquícios das relações que existiram, ou existem, entre duas ou mais comunidades. Esses empréstimos são conduzidos

pela interação cultural entre comunidades linguísticas distintas. Quando uma comunidade linguística adota um vocábulo estrangeiro, este passa a ser de toda a comunidade, ou seja, o termo passa a ser igualmente utilizado por todas as camadas sociais.

Seguindo o conceito de empréstimo lexical de Takano (2013), a autora concorda com a ideia de Grosjean (1982) que este fenômeno ocorre de várias formas, entre as quais se destacam a possibilidade de integrar os elementos da outra língua seja total ou parcial, e, ainda, de ampliar o uso do significado de um item lexical. Dessa forma, o fenômeno é um recurso linguístico pelo qual os bilíngues o utilizam de forma aleatória, porém sustentado pela condição bilíngue dos falantes.

Na língua japonesa falada pelos nipo-brasileiros existem características originais não constatadas na língua falada no Japão. Devido ao contato com a cultura brasileira, com a língua portuguesa e com os diversos dialetos japoneses, foram encontradas nas falas em japonês de descendentes japoneses o empréstimo lexical do português e que, além disso, há uma mistura de dialetos de diversas regiões do Japão, constituindo um japonês padrão brasileiro conhecido como colônia-go.

A característica mais relevante do colônia-go é o empréstimo lexical do português brasileiro, consequência natural do contato linguístico. O empréstimo do português não se limita à categoria dos substantivos, mas estende-se a várias classes gramaticais como os verbos, adjetivos, advérbios e interjeições. Segundo Takano (2013), uma das causas da interferência lexical ocorre devido à falta de termos exatos para expressar um determinado conceito em um dos códigos linguísticos. A mudança de código entre duas línguas é geralmente observada a partir da segunda geração de imigrantes, bilíngue que fala fluentemente ambas as línguas.

Segundo a Nawa (1988),

As pessoas bilíngues são aqueles que se comunicam efetivamente em mais do que uma língua ou aquele que é capaz de expressar-se, inteligivelmente, nas duas línguas e alterna-las livremente de acordo com a situação. Para a maioria dos indivíduos bilíngues, a língua materna é geralmente a mais usada e a segunda língua tende a ser mais instrumental. No caso dos nisseis brasileiros, esta situação é inversa; a língua portuguesa passa a ter um papel importante dentro do seu repertório verbal por ser um meio efetivo de manter a comunicação com a sociedade brasileira. (p.38)

Segundo Yuko Takano, (2013):

O empréstimo lexical, segundo Grosjean (1982) ocorre de várias formas, entre as quais destacam-se a possibilidade de integrar os elementos da outra língua, seja total ou parcial, e ainda de ampliar no uso o significado de um item lexical. Dessa forma,

o fenômeno é um recurso linguístico pelo qual os bilíngues o utilizam de forma aleatória... , o léxico da outra língua são introduzidos no falar cotidiano dos falantes ora representado o item lexical da língua nativa, ora apresentado novos conceitos. (p.122)

3. METODOLOGIA

De acordo com a proposta em fazer um levantamento bibliográfico, foram selecionados três trabalhos para análise. Esses trabalhos são:

- i. “Esboço do atlas do falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal: aspecto semântico-lexical. 2013” de Yuko Takano,
- ii. “Bilingüismo e mudança de código: uma proposta de análise com os nipo-brasileiros residentes em Brasília. 1988” de Takako Nawa e
- iii. “O uso da língua japonesa na comunidade nipobrasileira: o empréstimo lexical no japonês falado pelos imigrantes – caso D.F. 1999” de Megumi Kuyama.

Esses trabalhos contém o tema principal desta monografia, que é o empréstimo lexical português-japonês.

3.1 Método e Natureza da Pesquisa

Com base na pesquisa bibliográfica, este trabalho de conclusão de curso se baseia nessa corrente de pesquisa, com o intuito de levantar todos os trabalhos referentes a empréstimos lexicais do português no japonês usadas na comunidade nipo-brasileira do Distrito Federal.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Assim como Fonseca esclarece, a revisão bibliográfica tem por objetivo recolher as informações prévias das referências teóricas selecionadas. Nesta monografia, será feita esta sistematização dos trabalhos da Takano (2013), Nawa (1988) e da Kuyama (1999).

3.2 Material Coletado

De acordo com a proposta em fazer um levantamento bibliográfico, foram selecionados três trabalhos para análise. Esses trabalhos são: “Esboço do atlas do falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal: aspecto semântico-lexical” de Takano (2013), “Bilingüismo e mudança de código: uma proposta de análise com os nipo-brasileiros residentes em Brasília” de Nawa (1988) e “O uso da língua japonesa na comunidade nipobrasileira: o empréstimo lexical no japonês falado pelos imigrantes – caso D.F” de Kuyama (1999).

Ao selecionar esses três trabalhos acadêmicos foram contempladas as partes sobre o empréstimo lexical na colônia japonesa.

4. ANÁLISE

4.1 Tese da Takano (2013)

A tese “Esboço do atlas do falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal: aspecto semântico-lexical. 2013” da doutora Yuko Takano, busca registrar e descrever a variedade nipobrasileira quanto ao componente semântico-lexical. Para a coleta de dados de sua tese, foram selecionadas algumas comunidades do Distrito Federal para fazer a pesquisa para mapear o contato das línguas entre o português e o japonês.

No trabalho da doutora Yuko Takano sobre o empréstimo lexical, ela menciona o autor Grosejean (1982) e segundo ele, o empréstimo lexical ocorre de várias formas, entre as quais destacam-se a possibilidade de integrar os elementos da outra língua, seja total ou parcial, e, ainda, de ampliar no uso o significado de um item lexical. Dessa forma, o fenômeno é um recurso linguístico pelo qual os bilíngues o utilizam de forma aleatória, porém sustentado pela condição bilíngue dos falantes.

No entanto os empréstimos lexicais são contatos que existem entre as culturas diferentes e os falantes de línguas diferentes, sendo aplicadas palavras e expressões de uma língua em outra, seja para nomear coisas, situações ou comportamentos.

Segundo Yuko Takano (2013), apresenta os traços da mudança de código e/ou do empréstimo lexical torna-se um meio de comunicação e esses fenômenos vão se adaptando e se materializando, atendendo ao momento comunicativo. Com isso, a fala cotidiana dos nikkeis, ou seja, imigrantes japoneses e seus descendentes, faz com que a fala seja natural, usando o léxico de outra língua e fazendo mudança de código sem pensar. A frase sai misturada inconscientemente, ora português-japonês-português, ora japonês-japonês-

português, por exemplo, a expressão citada por Takano (2013) “casal ga despedindo”, que significa “casal (está) se despedindo”. Isso acontece mais nos casos de quem são bilíngues.

Para o Grosjean (1982) propõe os seguintes postulados sobre os bilíngues: i) Os bilíngues que não têm a mesma fluência nas duas línguas tomam emprestados os léxicos da língua em que são mais fluentes, para uso na língua em que são menos fluentes, porém, a mudança de código ocorre na língua em que são mais fluentes; ii) Os bilíngues, geralmente, preferem a mudança de código ao empréstimo, mostrando através da alternância, que eles estão conscientes do uso de elementos da outra língua e iii) Os bilíngues trazem os léxicos da outra língua por meio da mudança de código, o que, por causa do uso elevado, pode levar ao processo de integração. Dito em outras palavras, os léxicos se incorporam à outra língua, adaptando a fonologia e a morfologia da língua-base. Ou seja, quando um bilíngue não encontra um determinado léxico, frase ou expressão na língua que está usando, recorre à outra língua para manter a comunicação. Takano (2013) complementa:

O bilíngue dispõe de algumas estratégias para suprir as necessidades de uma dada interação. Isso ocorre, segundo o teórico, quando o bilíngue não encontra o léxico adequado para aquela situação; ou quando não conhece o léxico correspondente na língua que está usando; ou quando o léxico na outra língua é mais familiar e significativo para ele; ou, finalmente, quando ele está cansado, estressado, com preguiça, entre outros fatores. Nesse caso, o bilíngue tende a usar o item lexical disponível no momento da interação. (p.82)

Como dito anteriormente os indivíduos que falam duas línguas, geralmente falam o primeiro léxico na mente para continuar a comunicação. Takano (2013) também menciona sobre mudança de código. Segundo ela, identificamos mudança de código como o uso alternado de duas ou mais línguas/variedades (*hogen*) no mesmo discurso ou conversação. Para Grosjean (1982), o fenômeno mudança de código é uma característica comum aos falantes que têm os dois códigos e, pelo fato de, no dia-a-dia, estarem expostos a ambos, acaba facilitando o intercâmbio entre eles.

De acordo com Takano, cada vez mais se percebe uma mudança de código linguístico, uma mudança de código durante uma conversa. Muitas vezes, os falantes têm dificuldades em encontrar certa palavra numa língua dada. Conseguem expressar-se melhor na outra língua, ou pode ser o caso de se sentirem mais seguros a falarem uma determinada língua. Às vezes pode acontecer de uma determinada palavra não existe nessa língua e acabar sendo forçado a mudar de língua. Antigamente a mistura de códigos linguísticos era alvo de muita crítica. Achava-se

que os falantes não conseguiam falar bem nenhuma língua. Hoje em dia, é considerado uma competência linguística especial. Não é uma mudança apenas de língua, mas também uma mudança cultural.

4.2 Tese de Nawa (1988)

Segundo a Nawa (1988), a interferência ou empréstimo lexical ocorre devido a falta de termos exatos para expressar um determinado conceito em um código linguístico, ou seja, a interferência lexical ocorre por causa das “falhas” que existe na estrutura da língua receptora. A interferência é o uso de elementos de um código dentro do contexto de um outro código nos níveis fonológicos, semânticos, lexical, sintático e pragmático,

Para delimitar a área de estudo, Nawa (1988) analisa as mudanças de códigos dos falantes bilíngues de um núcleo rural de Vargem Bonita do Distrito Federal. Pois acreditava que em Vargem Bonita os descendentes encontravam num estágio favorável de desenvolvimento da língua. As falas são analisadas sob o prisma da sociolinguística e a autora conclui que, num determinado episódio interativo, os descendentes mudam constantemente de códigos, de acordo com o seu interlocutor.

Nawa (1988) transcreve uma situação familiar da qual participam três gerações de uma mesma família: *issei* (os avós), *nissei* (os filhos) e *sansei* (os netos), mas cada qual fala na sua língua dominante, ou seja, os avós em japonês, os netos, em português, mas são os nisseis, os da segunda geração, que falam nas duas línguas, ora falando em japonês com os pais, ora falando em português com os seus próprios filhos, fazendo a ponte entre a primeira e a terceira gerações. Além de usar as duas línguas, que são completamente diferentes, praticam a mudança de código. Esse episódio é um jantar, na sala de jantar, com a participação dos avós (*isseis*), representada pela letra (I); os filhos (*nisseis*), representada pela letra (N) e os netos (*sanssei*), representada pela letra (S), as letras M. Y. e S. correspondem a nome de pessoas. Primeira com a mudança de código português-japonês e em seguida a tradução em português. Colônia-go;

- (1) – (N) Senta aqui, põe o prato aqui.
- (2) – (N) Vem mais para cá.
- (3) – (I) Nossa! IIKOTO ARE! Senta DEKIRUNO.
- (4) – (N) BAA-CHAM KOKOE OIDE YO uhn falta mais um prato...

(5) – (I) OISHISOUNE

(...)

(6) – Ahn, depois a tia dá guaraná para vocês, tá? M. KITTEYAROUKA. M. AMARIDENTE GA NAIYOU DAKARA. Você quer que a tia corte?

(7) – (S) quero

(8) – (N) BAA-CHAM KITTEYAROUKA faca DE

(...)

(9) – (N) você não quer ir om a Y. amanhã?

(10) – (N) TSUKARETEIRUNONI, coitada, eu vou.

(11) – (N) HITORIDE é chato

(12) – S. IKITAITO ITTE ITAYO DAKARA pode ir na quinta.

(13) – (N) Vai com a S. para Iguatemi e aqui eu vou com ela porque ATCHI KARA KURUNO Ibirapuera, Morumbi, MUZUKASHI DESHOO.

(14) – (N) (...) na quarta a gente vai cedinho pegar o carro (...) está vazio no shopping e aí fica BURABURA depois toma um lanche e aí HIRUSUGUINI KAETTEKITARA aí...

Tradução para o português:

(1) – Senta aqui, põe o prato aqui.

(2) – Vem mais para cá.

(3) – Nossa! QUE BOM! CONSEGUI sentar.

(4) – VOVOZINHA (bem afetivo), VEM AQUI, VEM. Uhn falta mais um prato.

(5) – PARECE GOSTOSO.

(...)

(6) – Ahn, depois a tia dá guaraná para vocês, tá? M. QUER QUE CORTE? A M. PARECE QUE NÃO TEM MUITOS DENTES. Você quer que a tia corte?

(7) – Quero

(8) – QUER QUE A VOVOZINHA CORTE COM A faca?

(...)

(9) – Você não quer ir com a Y. amanhã?

(10) – VOCÊ ESTA CANSADA, coitada, eu vou.

(11) – SOZINHA é chato.

(12) – A S. DISSE QUE QUERIA IR, PORTANTO pode ir na quinta.

(13) – Vai com a S. para Iguatemi e por aqui, eu vou com ela porque VIRDE LA PARA Ibirapuera, Morumbi, NÃO É MUITO FACIL

- (14) – (...) na quarta a gente vai cedinho pegar o carro (...) está vazio no Shopping e aí fica ZANZANDO, depois toma um lanche e VOLTA DEPOIS DO ALOMOÇO.

Segundo Nawa (1988) podemos observar que quando somente após a retirada de outros participantes da cena, os *nisseis* começam a falar misturando as duas línguas entre si (exemplo: fala 14: (...) na quarta a gente vai cedinho, pegar o carro (...) está vazio no shopping e aí fica BURABURA ((vir de lá para cá)) depois toma um lanche e aí HIRUSUGUI NI KAETTEKITARA aí ...((e volta depois do almoço))...). Esse episódio marca um alto grau de complexidade de mudança de códigos, já que envolvem níveis linguísticos distintos. Na sentença (3) ocorre uma interferência lexical quando a vovozinha que é *issei* fala: Nossa! IIKOTO ARE! Senta DEKIRUNO, “Nossa! QUE BOM! CONSEGUI sentar.” demonstra que quer acompanhar a conversa dos filhos e dos netos, tenta falar em português, introduz as palavras do léxico do português dentro de uma sentença em japonês.

Uma conversa do dia-a-dia constata que a fala dos nipo-brasileiros apresenta um alto grau de variabilidade. Dentro do mesmo discurso, os falantes alternam do código japonês ao código português, num instante com frequente de “vai-e-vem” de duas línguas. Isso só vai ocorrer numa situação informal e com interlocutores que compartilham o mesmo conhecimento linguístico. Nawa menciona Gumpetz (1964:244), no qual diz que

a mudança de código é vista como o uso de variedades diferentes fora do repertório linguístico único, por um ou vários falante, num determinado episódio interativo. Os bilíngues *nisseis* também usam a mudança de código como um recurso estratégico, ou seja, são eles que estabelecem para manter a comunicação entre as gerações *isseis* com as seguintes (*sanseis* e *yonseis*). Os *yonseis* são a quarta geração de imigrante japonês.” Contudo, os *nisseis* é uma espécie de “ponte” que liga aos dois mundos sociolinguísticos diferentes. Com isso a Nawa denomina de “dois mundos linguísticos. Gumpetz(1964) apud Nawa (1989) (p.244)

Nawa conclui que “entre os *nissei* a mudança de código é um fenômeno regular e sistemático, sendo um recurso estratégico-discursivo para produzir certos efeitos interpretativos como meio de simbolizar a postura do falante, diante da situação”.

4.3 Artigo de Kuyama (1999)

Kuyama (1999) pesquisa como ocorre a mudança de código situacional, isto é, a que ocorre entre dois códigos, em consonância com a mudança de situações, como tópicos, participantes, etc. Ela afirma que o japonês falado pelos *issei* do Brasil, que contém empréstimo lexical do português, também pode ser definido como uma variedade do japonês, distinta da língua japonesa padrão, como o japonês padrão e o japonês que contém os

empréstimos lexicais do português utilizado com a mudança de código normalmente pelos *nikkei* no Brasil. O empréstimo lexical é um tipo de interferência linguística do português ao japonês, que corresponde ao uso neste ambiente, isto é, os nipo-brasileiros vivem na sociedade brasileira em que usa a língua portuguesa. O empréstimo lexical é observado, especialmente, no japonês falado pela primeira geração (*issei*) e a partir de outras gerações, *nissei*, *sansei*, é notável a mudança de código entre as duas línguas.

Mesmo em falas de *issei*, encontra-se os empréstimos lexicais do português e uma mistura de dialetos de diversas regiões do Japão, como Kuyama (1999) observou ao apresentar o seguinte dado:

- **Non, yo** (eu) wa mou areyo. Shiran aida ni **porutogêsu** majittoru. Soba de kiitoru hitoga, **ocê** ippai **porutogêsu misutura** shitorune, tte iute... **ai, ai, ai.**
- “**Bem, eu** é isso... vou misturando o **português** sem querer. Pessoas que estão escutando a minha conversa dizem, **Você** fala **misturando** bastante o **português**... **ai, ai, ai.**

As palavras em negrito são os empréstimos do português realizados pelo informante enquanto estão conversando em japonês, misturando os dialetos de regiões diferentes do Japão. Essa linguagem é muito comum numa sociedade nipo-brasileira. Kuyama aponta que, o empréstimo lexical do português ocorre em diversas categorias gramaticais, mas o substantivo é a classe predominante em empréstimo de palavras do português para o japonês, pois o substantivo é uma categoria que é difícil receber influência, tanto morfológica como sintática. Outras categorias gramaticais também aparecem, como verbos, adjetivos, advérbios e interjeições que comparecem na comunicação do dia-a-dia do povo nipo-brasileiro.

Kuyama fez uma entrevista na comunidade nipo-brasileira no Distrito Federal (DF), pois no DF existem várias associações Nikkei, possuindo objetivo de apreender a interação social e a frequência de empréstimo. A entrevista foi realizada com 70 *isseis* sediados no DF, em japonês com duração de 15 minutos cada tendo como tema único a vida cotidiana. O foco principal desta entrevista foi a verificação da vida cotidiana dos informantes, constituindo um paradigma da realidade do empréstimo lexical do português brasileiro ao japonês.

No levantamento I, temos o seguinte diálogo, sendo: E, a entrevistadora japonesa; I, a informante e M, a mãe do informante.

- (1) E: *Burajiru de imamade de ichiban tanoshikatta no wa?*
 “Qual foi o momento mais agradável no Brasil, até hoje?”
- (2) I: *Tanashikatta koto... Kodomo no toki ni desu ka?*
 “Agradável... quando era criança?”
- (3) E: *Un, itsu demo ii desu kedo...*
 “Bem, pode ser de qualquer época...”
- (4) I: *Ūn, kodomo no koro, Amazon no genshirin no nanka dôbutsu to asondari,*
 (risos) *...Ano, chosuichi ga atte, sokode sakana o tsuttari...*
 “Hummm, quando criança, brincava com bichos no meio da floresta Amazônica
 (risos) ...veja..., tinha um reservatório de água e pescava aí...”
- (5) E: *A, suimasen, Denchi ga nakunatta mitai. Torikaemasu kara chottomatte kudasai.*
 “Ah, desculpe, parece que acabou a pilha. Aguarde um pouco que vou trocá-la”.

(Enquanto a entrevistadora interrompe a conversa e está trocando a pilha, a informante dirige a palavra à sua mãe (*issei*) que está sentada em um sofá no centro da sal.)

- (6) I: *Hora, asoko ni pishîna atta desho, pesuka yo, pesuka...*
 “Lembra? Lá tinha uma piscina, não é. É pesca, pesca...”
- (7) M: *Âa, atta nee.*
 “É mesmo, tinha sim.”
- (8) E: *Hai, sumimasen*
 “Pronto. Desculpe-me.”

(retorna o dialogo com a entrevistadora)

- (9) I: *Sakanatsuri ni ittarishite, jiyû ni hashiri mawatte asonda no ga tanoshi-kattatte yû imêji ga aru wa ne.*
 “Tenho a lembrança de que era divertido brincar, indo pescar ou correndo livremente.”

A informante era uma *jun-issei* (*issei* que chegaram ao Brasil ainda criança), a conversa foi como se fosse de um indivíduo nativo de japonês. Pois ela usa palavra como *chосуichi* (piscina). E quando não estava sendo entrevistada, reformulou a sentença (6),

usando *pishîna* “piscina” e *pesuka* “pesca” no lugar de *sakanatsuri* do japonês, pois ela tinha dito anteriormente na sentença (4). E ela também usa o estrangeirismo como na sentença (9): *imêji*, do inglês *image*, já que ela teve oportunidade de conviver ou ter contato com os japoneses recém-chegados ao Brasil. E por último na sentença (9), podemos observar que quando a entrevistadora voltou a entrevistar, a *issei* retornou o que tinha dito antes, mas com o japonês padrão sem o uso do empréstimo.

Kuyama (2000) notou-se que ocorreu uma mudança de código situacional, nesse caso, foi no cenário em que acontece a diferença entre a situação formal e a situação informal. Na situação formal quando a *issei* estava sendo entrevistada e gravada pela entrevistadora, ela deixou de usar o empréstimo lexical do português e tomando cuidado para não usa-las. A *issei* conversando com a M, mãe da informante, ela “voltou” a falar do jeito do dia-a-dia dela, sem a pressão de estar sendo gravada, essa foi a situação informal. Essa parte da informalidade que a entrevistadora estava querendo que seja a fala do cotidiano e não uma formalidade.

Labov (1972) recomenda que se quebre a distância entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, antes de efetuar uma pesquisa a fim de “minimizar” o *stress* no momento da pesquisa. Para o favorecimento de uma coleta “natural” do falar. Contudo, uma entrevista tem que ser uma conversação que seja do cotidiano, sem ter que preocupar se está falando “errado” ou não. Pois o objetivo principal do entrevistador/pesquisador é a verificação do empréstimo lexical do português no japonês. A entrevistadora esclareceu à informante que ela mora no Brasil há alguns anos e que a informante não precisaria se preocupar em usar o empréstimo do português, pois a entrevistadora queria que a informante falasse do jeito mais “natural”, como se tivesse falando no cotidiano. A entrevistadora nota-se que quando a informante falou com a mãe, ela (informante) usou o japonês cotidiano de ambas. Com isso a entrevistadora concluiu que em relação a conversa informal entre os membros da família, o uso do empréstimo do português é mais frequente.

Kuyama fez uma pesquisa sobre se o empréstimo lexical do português no japonês é desfavorável ou não. 71% dos colaboradores, isto é, 50 entre 70 participantes responderam que o uso ou não do empréstimo lexical depende do interlocutor. Eles explicam que quando estão numa situação de diálogo com um japonês que não reside no Brasil ou que tenha uma permanência longa ou curta no Brasil, eles evitam o empréstimo lexical do português com o japonês não-*issei*. E o motivo é que, além desses japoneses que não moram no Brasil ou que não tem conhecimento suficiente do português, eles (participantes) também têm a consciência de que diante de um japonês devem usar o japonês “correto”, ou seja, seguindo o japonês padrão do Japão. Podem sentir um constrangimento por falar de forma variada por conviver

na comunidade nipo-brasileira com uso do empréstimo do português do Brasil com os japoneses, em outras palavras se preservando para não ficar com vergonha de estar falando de modo diferente e para não sentir inferior.

Os demais participantes, usam o empréstimo do português com frequência com os interlocutores *nisseis* e *sansei*. Já que os *sansei* tem o português como a língua materna. Os *nisseis* ou *sansei* mesmo com um bom domínio do japonês, eles usam o empréstimo lexical do português para serem mais bem compreendidas, podendo desenvolver o diálogo mais naturalmente, com fluidez. Com o tempo, esse hábito dos *nisseis* e *sansei* conversarem no dia-a-dia utilizando o empréstimo lexical do português no japonês, praticado na comunidade nipo-brasileira, acabou que penetrando até nas conversas dos *issei* (primeira geração do imigrante japonês). E que se não usassem o empréstimo lexical do português, o diálogo com os *nikkei* não fluiriam.

Numa outra pesquisa feita pela Kuyama, 33% dos informantes tem uma certa preocupação com a mistura do português no japonês e que a fala fique “contaminada”, então evitam de misturar as duas línguas usando o empréstimo lexical do português. E os 67% restantes dos informantes não veem problema em utilizar o empréstimo do português já que mora no Brasil e que é natural misturar o português e o japonês numa conversação.

Abaixo temos um exemplo dessa pesquisa citado no parágrafo anterior, sendo E, a entrevistadora e I, a informante.

E: *Porutogarugo no hou wa dou desuka?*

“Como está seu português?”

I: Aa, *sorekoso* mais ou meno (s) *ne*. (risos)

“Hum, como se diz, é mais ou menos.”

I: *Souyo, Sorega* dor de cabeça *yo*.

“Isso. É uma dor de cabeça, não é?”

E: *Mainichi don 'na fuuni sugosarete irun' desuka?*

“Como a senhora está passando os dias?”

I: *Mou*, serviço de mulher *bakkarine*.

“Passo os dias, só fazendo serviços de mulher.”

Podemos observar que a entrevistadora usa apenas o japonês para fazer a pergunta. E a informante utiliza o empréstimo lexical do português no meio ou no final das falas em japonês. Tem uma conversa informal, ou seja, a informante não sente pressionada em só falar o japonês, ela fala do jeito cotidiano.

Os três trabalhos analisados mostram que o empréstimo lexical do português no japonês na comunidade nipo-brasileira existe desde quando os japoneses que vieram do Japão para o Brasil foi se adaptando com a cultura e sua mudança linguística.

Na tese da Takano percebemos que o empréstimo lexical do português na comunidade *nikkei* de cada região do Distrito Federal tem uma forma de falar diferente de expressar certas palavras. O trabalho contempla uma extensa pesquisa sobre cada tema, dialetologia, sociolinguística, empréstimo lexical do português. O empréstimo lexical segundo autora, ela faz com que a comunicação seja natural entre os descendentes japoneses e esses fenômenos vão se adaptando e se materializando, atendendo ao momento comunicativo. A causa do empréstimo lexical ocorre por falta de expressar algum conceito que talvez não exista em japonês ou por falar a língua dominante onde mora.

Já no artigo de Nawa percebemos um estudo do empréstimo lexical aprofundado na mudança de código que os *issei* (primeira geração de imigrante japonês) usam na comunicação dentro da comunidade nipo-brasileira. O empréstimo lexical ocorre devido a falta de termos exatos para expressar um determinado conceito em um código linguístico, ou seja, a interferência lexical ocorre por causa das “falhas” que existe na estrutura da língua receptora. A conversa que Nawa transcreve pode se observar que o empréstimo lexical ocorre somente numa situação informal, conversa entre parentes e amigos e com interlocutores que compartilham o mesmo conhecimento linguístico.

Na tese da Kuyama não há uma pesquisa tão vasta como da Nawa, mas analisando o trabalho dela, com as entrevistas que a Kuyama fez os *issei* compreendem, relativamente bem na parte auditiva, porém não falam muito bem. Há mais ocasiões em ouvir a língua portuguesa, como assistir à televisão, participar de um diálogo, mas não tem muita oportunidade de colocar em prática, já que mora numa comunidade nipo-brasileira e que não usa muito a língua do país.

5. CONCLUSÃO

O empréstimo lexical do português no japonês torna-se uma fala única de uma comunidade *nikkei*, para os *isseis* do Brasil como se fosse uma “estratégia” para que a conversa fluísse na comunidade de fala a que pertence. Normalmente eles usam sem saber se estão de acordo com a gramática do português ou do japonês, falando por “instinto” ou “intuição”.

Nas três teses sobre o empréstimo lexical do português no japonês ocorre por manifestar uma determinada palavra ou expressão na fala em que está usando, misturando o português e japonês no diálogo na qual é usada somente com aqueles que obtêm a mesma capacidade em se comunicar na fala.

Pode se concluir que o empréstimo lexical aparece no momento de uma comunicação em fala dos descendentes japoneses, desde os *isseis* até outras gerações de *nisses* e *sanseis* que vivem na comunidade nipo-brasileira. E que esses diálogos decorrem naturalmente no cotidiano deles.

5.1 Limitações da pesquisa

Apesar de a sociolinguística ser bastante estudada e um tanto antiga, mas que foi muito difícil de achar matérias visto que só tem em inglês. Como há poucos trabalhos de léxico sobre o português e japonês em que não foi fácil encontrar trabalhos que fale diretamente do meu tema do empréstimo lexical do português no japonês no colônia-go.

5.2 Sugestões para pesquisas futuras

Ao fazer uma sistematização de três materiais sobre o empréstimo lexical português-japonês, seria interessante como pesquisas futuras realizar outros tipos de levantamentos bibliográficos sobre as mudanças linguísticas dentro das comunidades japonesas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação lingüística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

DOI, Elza Taeko. Enciclopédias nas Línguas do Brasil, 2007. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/elb/asiaticas/japones.htm>> Acesso em: 18 out. 2017.

GROSJEAN, F. **Life with Two Languages** – An Introduction to Bilingualism. Massashusetts: Harvard University, 1982.

KUYAMA, Megumi. **O uso da língua japonesa na comunidade nipobrasileira: o empréstimo lexical no japonês falado pelos imigrantes – caso D.F.** Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola, 2008. 389 p. (Lingua[gem] ; 26). ISBN 9788588456853.

LABOV, William. Sociolingüística: uma entrevista com William Labov. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

MCCLEARY, Leland. Sociolingüística. Curso Licenciatura em Letras-libras. UFSC, 2007. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/sociolingustica/assets/547/TEXTTO-BASE_Sociolingustica.pdf> Acesso em: 18 out. 2017.

MOLINA, Daniele de Souza. Empréstimos lingüísticos no campo lexical: a contribuição do português para o léxico da língua inglesa. *Revista Gatilho*, 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2010/12/Molina.pdf>> Acesso em: 18 out. 2017.

NAWA, Takako. Bilingüismo e mudança de código: uma proposta de análise com os nipo-brasileiros residentes em Brasília. 1988. 144 f., Paginação irregular, il. Dissertação (Mestrado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 1988.

TANAKA DE LIRA, Kaoru; TANAKA DE LIRA, Marcus. De Aomori ao Shuri: Excertos do Dialeto da Língua Japonesa. **Estudos Japoneses**, n. 36, p. 71-93, 2016.

TAKANO, Yuko. Esboço do atlas do falar dos nipo-brasileiros do Distrito Federal: aspecto semântico-lexical. 2013. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

doi:10.11606/T.8.2013.tde-07062013-110156. Acesso em: 2017-10-18.